

15/22-1932

# Conversas...

15-09-1932



O DESCOBRIMENTO DE VICTORIA — Victoria existe. Vocês não sabem? Existe. Mas não existe só como ilhéu geographica para atormentar estuarianos ou como realidade objectiva, de Aymerich até Moshilde. Agora existe até na Argentina.

Foi descoberta por D. Ramon Mañiz Lavallo, autor dos Bagranes que publicamos, navegando com nome de «La Nación», de Buenos Aires.

E sabem o que elle disse? Que Victoria é lindita e que a capital argentina seria muito feliz si tivesse as ilhas e collinaezinhos da entrada da nossa bahia: «Que no haríamos si la chata pampa poblada de Buenos Aires tuviera a la entrada de su puerto once quintos de estas islotas...» Depois disse mais isto que serve de reclame commercial e turistico: «Vive del café, que se produce exquiesito en

suas tierras, y de la maior variedad de maderas possible.

Ciudad escondida, que tal vez muy pocas conocen, destruye, sin embargo, com su aspecto pintoresco la belleza convencional de Rio de Janeiro»

Disse. Tal é qual. Com exagero e tudo.

Depois pintou o Penedo, o catraeiro o guarda civil e a nossa negrada, detendo-se um pouco diante da «catedral inmensa, cuyo estilo gótico llega asta el techo y ahí se detiene para colocar-se el sombrero de tejas rojas, que uniforme la vision de todas las ciudades brasiliças.»

Vocês gostaram? Eu achei bom. E Victoria está descoberta.

UM LIVRO LINDO — Não ha como as mulheres para exprimir em a poesia do sentimento.

Os homens coitados, Guerra Junqueiro pode bem viltar lítegos de estrelas e alhar com profundeza paulheita as cizas dos castanheiros mortos, porém jamais daria seguir a simples poesia humana de... de uma carta de amor feminina, com erros de syntaxe e de orthographia...

Perque? Por causa da intensidade sentimental e sensual, organica, do outro sexo.

E si a mulher é culta, si permanecendo sinceramente mulher e ainda uma artista, derramando com simplicidade a sua alma em paginas de livre prosa—quem poderá fazer poesia mais perfeita?

Esta tirede, sabem porque? Perque um livro lindo, de mulher, callu-me sob os olhos. Fê-le Maria de Sena Pereira, em Florianopolis, e chama-se «Cantaro de Ternura.»

E tanta a suavidade do senti-

Ve. verso



mento que se entorna delle sobre a alma da gente, que ellas, afinal, se refrigeram, enternecem, encantam, mas não se saciam—e temos de voltar a reler as paginas do livro, com vontade de repetir á altura as palavras do Christo á mulher que passava levando ao hambro o centaro, do peço de Jacob: Quem bebe dessa egua terá sede outra vez... Samaritana...

8

#### HISTORIA DA BARATINHA —

O ceu estava cheio de denteações polychromicas: vermelho, amarello, roxo, verde... No centro tirba uma mancha negra, que sehia da perfil da chaminé negra de uma fabrica negra. De um lado cabia sobre a calçada uma orgia amarella, apendoando de duss avores de chuva de-ouro, que guarneciam a freute de um jardim.

A moçina baratinha, vinda dos lados da fabrica, muito pallida, como quem fez serço e á noite toda passou em cima dos teares. O grillo, esgalgado e magro, viuha-lhe falando baixinho, baixinho...

A baratinha escutava sorrindo com um sorriso triste. Depois fez —não—com a cabeça, como quem uiz: —Não pode ser. Que pena! — e affastou-se encolhidinha nas suas roupinhas pobres.

O grillo lá se foi, cabibuxio, levando a sua marmitta de aluminio.

De repente a buzina de um automovel cantou harmoniosamente chamando a attenção de dona baratinha.

O galanhoto verde, lustroso, estava sorrindo lá dentro, com a sua dentadura branca e bem tratada.

Fez um signal e dona baratinha. Ella ficou deslumbada, montta, olhando para a camisa de seda e



Duas attitudes de Kate de Magy e de Jean Murat em «Capitão Craddck». Kate é a artista mais «garota» do «ecran» europeu.

a botozadura de brilhante do galanhoto.

O automovel parou, de manso, perto da senhorita baratinha. O galanhoto segurou-lhe a mão, puxou a devagarinha... e ella entrou..

—Krrrr...

ALMEIDA COUSIN

946 x 16,5  
05/02/33 SAJ/NE